

A ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DE MOSSORÓ SOB A ÓTICA DE PROFESSORES

Érica Renata Clemente Rodrigues (Graduada - UERN)¹

RESUMO

Este artigo surge das discussões empreendidas no curso de Pedagogia da UERN. Em pesquisas anteriores constatamos uma crise do esvaziamento que afeta as escolas públicas estaduais de Mossoró-RN. Diante de tal realidade, muitos se perguntam o que podemos fazer? A escola tem futuro? A crise da escola pública se instala em alguns estabelecimentos de maneira mais efetiva. Assim, delimita-se duas escolas como campo empírico da pesquisa. Quanto aos aportes teóricos, buscamos um conjunto de autores que discutem a estrutura da escola pública de modo global. A percepção dos professores em relação à escola pública não é otimista, mas os educadores afirmam que precisamos fazer algo mais pela educação. Concluimos com considerações sobre a situação de dificuldade enfrentada pela escola pública. A luz de Canário (2008), apontamos a construção de uma “outra” escola, uma escola do futuro e do exercício de democracia plena como possíveis saídas para a atual situação.

Palavras- chave: Escola Pública; Ótica; Professores.

¹ Graduada em Pedagogia. Aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERN.

INTRODUÇÃO

A educação é um direito de todos e a escola exerce uma função social de grande relevância, mas, em virtude de sua correlação de força existente na sociedade, acaba reforçando as desigualdades e as exclusões. Nos primeiros séculos de nossa história, a educação era restrita a poucos, privilégio de minorias econômicas. Segundo Canário (2008) é somente a partir do século XX que a escola vivencia um período de expansão, mais especificamente por volta dos anos 1920 e 1930, quando muitas mudanças econômicas, políticas, culturais e sociais ocorriam. Quando a escola pública brasileira vem experimentar um processo de expansão, novos problemas surgem inclusive a própria qualidade da educação fica completamente comprometida, cabendo à sociedade e ao Estado desenvolverem ações que venham reverter a situação crítica que a escola pública enfrenta.

Com o acesso das classes trabalhadoras à escola, bem como as mudanças ocorridas no âmbito das políticas públicas – com a introdução da descentralização e da flexibilização – a escola passa a enfrentar novos desafios práticos no plano da gestão dos processos pedagógicos e administrativos. Ou seja, a escola, ao relacionar-se com os novos fenômenos sociais, para os quais nem sempre se encontra devidamente preparada, acaba reforçando o estado de dificuldade.

Em pesquisas anteriores constatamos uma crise do esvaziamento que afeta as escolas públicas estaduais de Mossoró-RN. Diante de tal realidade, muitos se perguntam onde vamos trabalhar? O que podemos fazer? A escola tem futuro? A partir dessas inquietações construímos esse artigo. Nosso objetivo geral é visualizar e discutir a percepção de professores sobre a escola pública estadual de Mossoró. A crise da escola pública se instala em alguns estabelecimentos de maneira mais efetiva. Desse modo, delimita-se duas escolas como campo empírico da pesquisa: Escola Estadual Prof. Eliseu Viana, Escola Estadual Lavoisier Maia. A escolha intencional por essas escolas advém do fato de que são elas as que apresentam as piores situações de esvaziamento e ao mesmo tempo resistem ao fechamento de suas portas.

Aplicamos questionários semi-estruturados a quatro professores das escolas públicas estaduais referidas acima com o objetivo de discutir a percepção destes profissionais sobre a escola pública. Quanto aos aportes teóricos, buscamos um

conjunto de autores que discutem a estrutura e a organização da escola pública de modo global, enfatizando seu surgimento, fases, vivências, bem como as políticas educativas vigentes no Brasil. Utilizamos principalmente as obras de CANÁRIO (2008); FERREIRA (2009); PARO (2000); SOUZA (1985).

Apresentamos os sujeitos da pesquisa, sua formação e prática profissional. Em seguida, discutimos a percepção dos professores em relação à escola pública e a sua função social. Debates atuação docente na escola e sua perspectiva quanto ao futuro da escola pública. Concluímos o texto trazendo considerações sobre a situação de dificuldade enfrentada pela escola pública. Apontamos a construção de uma “outra” escola, uma escola do futuro e do exercício de democracia plena como possíveis saídas para a atual situação.

Os sujeitos da pesquisa

A formação e prática profissional dos sujeitos foram os primeiros aspectos visualizados na entrevista. O instrumento de coleta de dados compreende duas partes essenciais. A primeira concentra-se na formação prática do professor e traz questionamentos como: curso de graduação, instituição e ano em concluiu; curso de pós-graduação, instituição e ano em concluiu; tempo de serviço na área da educação e também na instituição que o profissional trabalha atualmente; funções exercidas antes do cargo atual, conforme documenta quadro a seguir.

Quadro 1: Perfil dos Docentes

DOCENTE	FORMAÇÃO INICIAL/IES	FORMAÇÃO CONTINUADA/ IES NÍVEL DE ENSINO QUE ATUA	TEMPO DE SERVIÇO NA EDUC.	TEMPO DE SERVIÇO NA ESCOLA	FUNÇÕES/ CARGOS ANTERIORES
A	Pedagogia/ UFRN	Não tem. Atua: Ensino Fundamental menor	29 anos	4 anos	-----
B	Geografia/ UERN	Não tem. Atua: Ensino Fundamental maior	25 anos	10 anos	-----
C	Pedagogia/ UERN	Psicopedagogia Atua: Ensino Fundamental maior	22 anos	19 anos	Supervisão; bibliotecária e TV escola.
D	Letras/ UERN	Formação de Professor Atua: Ensino Fundamental	5 anos	1 ano	-----

Fonte: questionário com professores, 2012.

Nosso objetivo com esta parte do questionário é conhecer um pouco os sujeitos da pesquisa, observando a formação inicial e permanente, sua experiência na educação e na escola, bem como as funções que exerceu (ou ainda exerce) na instituição. Os quatro professores concluíram o curso de graduação. Dois deles possuem curso de pós-graduação.

A percepção dos professores em relação à escola pública e a sua função social

Segundo os professores entrevistados, a escola pública está em uma situação difícil, crítica. Os sujeitos apontam: descompromisso de alguns governantes, famílias e profissionais; defasagem no quadro docente e defasagem na aprendizagem dos alunos.

O Professor A declarou:

A escola está numa decadência de aprendizagem nas séries iniciais, 1º, 2º e 3º ano. Não podemos reprovar.

O Professor A aponta a decadência nas aprendizagens. Através da sua fala podemos inferir que os atuais mecanismos de ensino aprendizagem adotados pela escola pública estadual tem graves lacunas. Há um paradoxo quanto ao método avaliativo adotado, que inicialmente não reprova. Assim, os discentes vão seguindo a diante sem conseguir atingir o mínimo de saberes necessários aquela etapa. Depois, os alunos se vêem diante de avaliações que não lhes fazem sentido e em muitos casos também não lhes acrescentam nada ao processo de aprendizagem.

O Professor C declarou:

A situação está crítica. Tenho por experiência a minha escola; estamos no final do ano letivo e agora que recebemos professores para suprir as necessidades da escola. No início contávamos com poucos professores resultando em aulas vagas e provocando o desestímulo dos alunos.

Este docente aponta a ausência de professores durante boa parte do ano letivo na escola em que atua. Tal situação é grave, porque como educar e trabalhar sem os recursos básicos? Se falta o recurso humano, se não há professores, como os alunos vão estudar? Onde fica a garantia de escola pública de qualidade? A ausência de

profissionais na escola anda lado a lado com a desvalorização profissional do conjunto de pessoas que trabalham na escola. Essa desvalorização profissional advém da falta de compromisso das autoridades governamentais para com a educação.

Os Professores B e D afirmam que há duas escolas, uma no papel e outra na realidade. Vejamos:

O Professor D declarou:

A escola é uma instituição bem estruturada no papel, mas na prática podemos perceber que muitos são os “entraves” que dificultam o seu bom funcionamento. A realidade é outra.

O Professor B declarou:

A escola está precisando de uma nova reforma e um novo olhar dos governantes e profissionais para desempenhar um melhor papel.

Segundo Oliveira (2009), as políticas educativas na atualidade partem da noção de que a escola é espaço de ensino, mas antes de tudo de promoção de justiça social. Assim, as políticas educativas adotadas em nível internacional têm atribuído à escola novas funções sociais, muitas vezes de caráter assistencial evidenciada por programas como o Bolsa-Família e o Projovem.

Perguntamos aos sujeitos desta pesquisa qual é a função da escola pública, em sua opinião, e se a escola tem cumprido seu papel. Três professores afirmaram que a escola não tem cumprido o seu papel e um professor afirmou que a escola tem cumprido parte da sua função. Vejamos as falas:

O Professor B declarou:

A função da escola é educar e orientar para a vida, para a formação de um ser consciente e para um futuro promissor. Ela não tem cumprido seu papel, pela falta de compromisso e priorização dos “maiores” com a educação.

O Professor C declarou:

O seu papel é formar cidadãos aptos ao exercício da cidadania. Não tem cumprido... Pois muitos são os contratempos enfrentados pelas instituições públicas, um deles é a falta de docentes.

O Professor D declarou:

Seu papel é mediar e repassar conhecimentos. Tem cumprido em parte, por falta de compromisso de alguns governantes, profissionais e família.

Observamos nas falas o distanciamento ou ausência do poder público que acaba sobrecarregando a escola de novas responsabilidades, inclusive a promoção do bem estar social, mas a escola aparenta não estar preparada para assumir tal responsabilidade, afinal os problemas que lhe são imputados ultrapassam os limites da escola, envolvendo questões políticas, econômicas e sociais. A escola não consegue atender as novas demandas, e o seu papel é cada vez mais questionado pela sociedade.

Atuação docente e a perspectiva quanto ao futuro da escola pública

Perguntamos aos professores: Na condição de docente, em que atividades o Senhor tem participado para auxiliar a escola? Os professores atuam de acordo com suas possibilidades e limitações.

O Professor A afirmou:

Atuo ajudando no que posso, fazendo o aluno participar com interesse, principalmente nos festejos escolares.

O Professor B afirmou:

Me entrosso com alunos, família, funcionários, buscando trazer novidades para o andamento da aprendizagem.

O Professor C afirmou:

Procuro envolver meus alunos não apenas em atividades que estimulem seu conhecimento, mas que também os conscientizem para a vida, na formação de um ser pensante e ativo. Sendo assim, trabalho com projetos diversificados que envolvem escola e comunidade.

O Professor D afirmou:

No momento, trabalho com projetos extraclasses; com o objetivo de socializar e desenvolver outras habilidades no alunado.

O posicionamento do Professor B aponta para a necessidade de articulação entre escola e família, inclusive para garantir a qualidade do ensino. A escola espera que a família seja uma motivadora para as crianças e jovens; que cumpra também sua parte na educação de seus filhos. Uma discussão sobre a relação entre a escola e a família precisa ser feita. Pois, como a família está sendo convocada para participar da educação de seus filhos, precisamos, de fato, saber em que ela pode contribuir para a qualidade da educação dos filhos.

Discutindo *a qualidade do ensino: a contribuição dos pais*, Vitor Paro (2000) apresenta-nos a escola e discute seu papel, sua importância e seus limites. A escola é evidenciada como acontecimento social e também como autoridade pedagógica. Nessa obra, Paro objetiva explorar a necessidade de reconhecer o direito de participação dos responsáveis pelos educandos, neste caso, os pais. E principalmente a necessidade que uma boa escola tem dessa participação.

Paro (2000) afirma que grande parte do trabalho do professor seria facilitado se o estudante já viesse para escola predisposto para o estudo e se, em casa, ele pudesse contar com alguém que, convencido da importância da escolaridade, o estimulasse a esforçar-se ao máximo para aprender. Mas a escola não pode deixar de fazer sua parte, isso inclui- além de um ensino efetivamente agradável- o acolhimento dos pais, o cumprimento do dever de atender a seus interesses educativos e o oferecimento de uma escola da qual todos possam gostar.

Quanto ao futuro da escola, os professores afirmam que a situação é difícil, e se não houver uma série de ações direcionadas a seu resgate a tendência é piorar.

O Professor A afirmou:

Muito fraco... Principalmente com os alunos quem do 3º ano para o 4º. Como é que esses alunos vão ter um futuro brilhante com pouca aprendizagem? São esses os alunos... O futuro da escola pública.

O Professor B afirmou:

Se não houver mais interesse, mais ação, vai ser trocada pela educação pública municipal.

O Professor C afirmou:

Quantas vezes não ouvimos a frase de excelência: “Devemos priorizar a saúde e a Educação”. Enquanto está continuar no discurso nossas escolas ficarão na calamidade, no desprezo e enganação. Preocupam-se na edificação física das escolas, deixando para trás ou a desejar os projetos de capacitação dos nossos educadores que são o suporte fundamental para a sustentação dos alunos, futuro do Brasil. Agora surge a indagação: Que futuro será esse? Com tantos desvios e descomprometimentos?

O Professor D afirmou:

Penso que é preciso rever muitos itens para que possamos ter uma escola mais organizada, incentivadora, estimulante para o alunado, para a sociedade em geral.

Segundo Rui Canário (2008), o problema da escola pode ser sintetizado em três facetas: a escola, na configuração histórica que conhecemos – baseada num saber cumulativo e revelado – é obsoleta, padece de um déficit de sentido para os que nela trabalham e é marcada, ainda, por um déficit de legitimidade social, na medida em que faz o contrário do que diz, reproduz e acentua desigualdades. Para o autor, não é possível prever o futuro da escola, mas é possível problematizá-lo.

Nesta perspectiva, Canário (2008), afirma que pode ser produtivo e pertinente imaginar uma “outra” escola, a partir de uma crítica ao que existe. Desta feita, a construção da escola do futuro poderá ser pensada a partir de três finalidades fundamentais: a de construir uma escola onde se aprenda pelo trabalho e não para o trabalho; a de fazer da escola um sítio onde se desenvolva e estimule o gosto pelo ato intelectual de aprender; a de transformar a escola num sítio em que se ganha gosto pela política, isto é, onde se vive a democracia.

Ainda de acordo com Rui Canário (2008) a transformação da escola atual implica agir em três planos distintos:

Pensar a escola a partir do não escolar. [...] A maior parte das aprendizagens significativas realizam-se fora da escola, de modo informal, e será fecundo que a escola possa ser contaminada por essas práticas educativas. Desalienar o trabalho escolar, favorecendo o exercício como uma “expressão de si”, o que permitirá passar do enfado ao prazer. Pensar a escola a partir de um projecto de sociedade, com base numa idéia do que queremos que sejam a vida e o devir colectivos. (CANÁRIO, 2008, p. 80).

Construir a escola do futuro supõe a construção de outra relação com o saber, consigo mesmo e com o outro. Requer a construção de uma identidade e como afirma Canário, a adoção do procedimento inverso: transformar os alunos em pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola pública passa por um momento de dificuldades. Diante deste fato, questionamos: a escola pública tem futuro? Como será o futuro da escola pública estadual de Mossoró? Atualmente, as saídas estão sendo trilhadas pelos partícipes da escola. Apesar das dificuldades, a escola pública estadual de Mossoró continua viva, em busca de melhorias; de mais apoio da comunidade escolar e do Estado. Acreditamos que o ensino democrático precisa expandir-se e tomar corpo nas instituições escolares.

A participação de todos na escola é propagada e estimulada pelos meios de comunicação, mas não são desenvolvidas políticas educacionais que viabilizem esta tomada de responsabilidade por parte da escola. Não há um repasse de verbas suficientes para suas novas demandas; as novas exigências sobre o professor são crescentes e não são acompanhadas de qualificação e valorização profissional. A família, por sua vez, se ausenta cada vez mais da educação dos filhos, muitos estão procurando sua sobrevivência, outros acreditam que não podem ser úteis à escola.

A democracia precisa ser exercida dentro e fora da sala de aula. Não de qualquer jeito, como se democracia fosse um jogo sem regras. Uma saída para atual situação é a gestão democrática e participativa que requer a atuação direta ou indireta de pais, alunos, comunidade, professores e Estado. Para o enfrentamento da crise da escola pública estadual de Mossoró acreditamos ser necessário um diálogo mais intenso entre os atores escolares, um pensar sobre ação-reflexão (Freire, 1996) das vivências escolares, bem como uma atuação mais firme do Estado, principalmente, na valorização do profissional da Educação Básica. Tal valorização era para ontem, mas, hoje, continua-se a perseguir essa causa justa que dura décadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANÁRIO, Rui. **Os estudos sobre a escola**: problemas e perspectivas. In: BARROSO, João (org.). O estudo da escola. Porto: Porto Editora, 1996.

_____. **A escola**: das “promessas” às “incertezas”. Porto Alegre: Unisinos, maio/agosto, 2008. p. 73-81.

FERREIRA, Eliza Bartolozzi; OLIVEIRA, Dalila Andrade (Orgs). **Crise da escola e políticas educativas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 37 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MENDONÇA, Erasto Fortes. **A regra e o jogo**: democracia e patrimonialismo na educação brasileira. São Paulo: Unicamp, 2000.

PARO, Vitor Henrique. **Qualidade do ensino**: a contribuição dos pais. São Paulo, Xamã, 2000.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3 ed. São Paulo: Scipione, 2009.

SOUZA, Herbert José de Souza. **Como se faz análise de conjuntura**. 3 ed. Petropolis: Vozes, 1985.